



Pergunte aos pesquisadores

Como os cientistas sabem se os dinossauros caçavam ou comiam bichos já mortos?

Antonio Olivieri, 6 anos [via Facebook]

LUIZ EDUARDO ANELLI

Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo

Será que o *Tyrannosaurus rex*, gigante dos dinossauros predadores com pouco mais de 60 dentes na boca, na verdade se aproveitava de caçadas feitas por outros animais em vez de capturar suas próprias presas? Há um século essa discussão ocupa paleontólogos e se altera com o avanço do conhecimento. Uma pista de que os tiranossauros não caçavam bem é o comprimento equivalente dos ossos de suas patas traseiras – o fêmur e a tíbia –, que os tornava maus corredores. Mesmo assim há indícios de que ele atacava dinossauros grandes, como indica o fóssil de um edmontossauro encontrado com uma marca de dentada parcialmente cicatrizada numa vértebra, indicando que um tiranossauro tentou matá-lo (e não conseguiu). Duas grandes dificuldades impedem que se dê uma resposta definitiva sobre seus hábitos alimentares: a escassez de fósseis completos de dinossauros e a raridade, entre os animais vivos hoje, de carneiros exclusivos. O único é o urubu, com olfato hipersensível e capacidade de voar imensas distâncias para encontrar alimento. O mais provável é que o tiranossauro conseguisse capturar até mesmo presas grandes, desde que não precisasse correr muito, mas sem desdenhar carniças encontradas pelo caminho.

Mande sua pergunta para o e-mail wikirevistapesquisa@fapesp.br, pelo facebook ou pelo twitter [@PesquisaFapesp](https://twitter.com/PesquisaFapesp)

O QUE É, O QUE É?

O baço

No meio de uma corrida, às vezes uma pontada no lado esquerdo do abdome obriga a reduzir o ritmo. Chamada de “dor no baço”, na realidade trata-se de um espasmo do diafragma. Este músculo e o baço estão conectados por um ligamento que pode causar dor quando distendido. Geralmente basta diminuir a intensidade do esforço para ela passar. O baço tem como principais funções: retirar de circulação as hemácias e as plaquetas velhas, armazenar o ferro subtraído das hemácias e produzir anticorpos. Em casos graves de traumas, e para quem apresenta raras doenças hemorrágicas ou de coagulação como anemia hemolítica ou púrpura trombocitopênica, pode ser necessário extrair o baço.

De modo geral, a sua ausência não compromete a qualidade de vida. Quando removido, outros órgãos se encarregam de suas atividades. O fígado retira as hemácias velhas do sangue e a medula óssea se responsabiliza pela maior parte da produção dos anticorpos. Ele é mais importante na infância, período em que ocorre a maturação do sistema imune e da reatividade imunológica. Ainda antes, no feto, o baço é um dos principais produtores de células sanguíneas (leucócitos e hemácias). Pesquisas recentes, porém, indicam que quem retira o baço corre mais risco de desenvolver sepse quando infectado por bactérias como pneumococos, meningococos e hemófilos. Por isso, os médicos agora evitam a extração completa do órgão. Deixa-se ao menos uma fração dele mesmo em traumas causados por acidentes.

Ana Maria Caetano de Faria, *Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*

